

**TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO
DOS COMPOSTOS NOMINAIS
ANTES E DEPOIS DO ACORDO ORTOGRÁFICO (AO):
O CASO DE UNIDADES LÉXICAS
RELACIONADAS COM O LEXEMA PÉ
NAS EDIÇÕES DO DICIONÁRIO HOUAISS (2001 -2009)**

Vicente Martins (UVA e UFC)
vicente.martins@uol.com.br

1. Introdução

O composto nominal *pé de moleque* é analisado em seis perspectivas: (1) *normativista*, situando a palavra *pé de moleque* no contexto da gramática normativa e da lexicologia tradicional; (2) *dialetal*, em que damos enfatizando a elementos do brasileiro e eruditismo neolatino; (3) *cognitiva*, em que trabalhamos o princípio da iconicidade na palavra pé de moleque; (4) *linguística*, a partir da teoria da composição e da *sinapsia* em Benveniste (2006), o que garante o caráter de não composicionalidade do composto (2006); (5) *Posicionamento teóricos de linguistas*, filólogos e fraseólogos europeus, consultados por e-mails, sobre o que pensam da movimentação morfológica do composto pé-de-moleque para a locução nominal pé de moleque.

As seis perspectivas descritas neste trabalho tem por fim mostrar que as bases do novo Acordo Ortográfico alteraram, de forma significativa, a macro e microestrutura dos dicionários gerais. Para tanto, analisaremos a estruturação do Dicionário Houaiss em suas versões de 2001, antes do Acordo Ortográfico (2008) e a de 2009, depois do Acordo.

As alterações em Houaiss, de 2001 a 2009, reduziram não apenas o número de páginas nas duas edições, mas o número de *entradas* ou *verbetes*. Na edição de 2001, por exemplo, Houaiss contava com 2.922 páginas e o volume resultava do número de entradas, em vertical, nas colunas do dicionário. Em 2001, o número de páginas caiu para 1.986, transformando muitas entradas da edição anterior em *subentradas*, agora, com menos informações lexicográficas e

registradas na parte horizontal das colunas. Em outras palavras, diríamos que a queda do número de páginas, na edição de Houaiss de 2009, ocorreu por conta do novo Acordo Ortográfico: compostos nominais, até então, com entradas próprias, portanto, sendo parte da macroestrutura do dicionário, na nova versão de Houaiss (2009) perderam este status lexicográfico e passaram a ser subentradas durante a lematização. Uma palavra como *pé de moleque* não apenas perdeu o hífen, mas deixou de oferecer aos consulentes informações como: *datação, ano, fonte, análise morfológica, informação gramatical e plural*.

O artigo procura, também, que o deslocamento do composto nominal *pé-de-moleque*, com hífen, para a categoria de locução nominal pé de moleque, sem hífen, resultou de uma arbitragem de ortógrafos e filólogos do Brasil e de Portugal, e, a rigor, não levou em conta repercussão na estruturação das novas edições dos dicionários gerais.

Consideramos que houve um equívoco gramatical por parte dos “acordistas” abolirem o hífen de pé de moleque, sem levar em conta critérios linguísticos ou, mais precisamente, lexicológicos a serem considerados quando do tratamento dos compostos nominais e das próprias locuções nominais na metalexigrafia. Assim, ao longo do texto não nos posicionamos contra ou a favor do uso do hífen em compostos nominais, como é o caso de pé de moleque, e sim, questionamos da validade de tal medida ortográfica, pensando não apenas na simplificação da indústria editorial ou informática, mas no consulente, especialmente os educandos, no processo de formação escolar e de aquisição de vocabulário da língua.

O certo é que, quando abolimos o hífen em palavras compostas por justaposição e as damos um tratamento de unidade fraseológicas, imediatamente o lexicógrafo as colocam na microestrutura dos dicionários seguindo todos os critérios da lexicografia. Numa última palavra, para tomarmos a lição de Porto Dapena (2002, p. 136), quando pé-de-moleque trazia, na sua composição lexical, o hífen se constituía em uma entrada propriamente dita, constituindo enunciado ou cabeça do verbete, na macroestrutura. Quando pé de moleque perdeu o hífen, por imperativo do Acordo Ortográfico, passou a ser

subentrata e a pertencer a microestrutura do dicionário, não estando mais sujeito a lematização.

2. *Pé de moleque: gramática e lexicologia tradicional*

De há muito, a gramática, especialmente normativa ou prescritiva, e a lexicologia andam juntas quando nos referimos à estruturação dos dicionários gerais. A linguística descritiva, por exemplo, define gramática como “estudo objetivo e sistemático dos elementos (fonemas, morfemas, palavras, frases etc.) e dos processos (de formação, construção, flexão e expressão) que constituem e caracterizam o sistema de uma língua”. É também a linguística que define Lexicologia como “estudo do vocábulo quanto ao seu significado, constituição mórfica e variações flexionais, sua classificação formal ou semântica em relação a outros vocábulos da mesma língua, ou comparados com os de outra língua, em perspectiva sincrônica ou diacrônica”, aproximação de objetivos e objetos, conforme podemos comprovar acima nos verbetes de Houaiss (2009) ao definir os dois termos linguísticos. A lexicografia vai se nutrir, durante a elaboração dos dicionários, destes dois domínios linguísticos.

A lexicologia, enquanto teoria mais diretamente relacionada com a lexicografia, é um termo linguístico datado de 1858, por Houaiss, o que vem comprovar ser, relativamente, nova no âmbito dos estudos linguísticos. Assim também o é termo lexicografia, enquanto estudo científico e analítico dos princípios de seleção do vocabulário, de classificação dos vocábulos, de definição e descrição dos significados. Na elaboração dos dicionários gerais, durante muito tempo, a lexicologia foi dependente dos conceitos gramaticais, especialmente os de gramática normativa. Isto ocorria porque a lexicologia era considerada como parte da gramática que estudava as palavras isoladas, consideradas em si. Dizendo de outra forma, a lexicologia se confundia com a própria noção de morfologia que temos hoje.

Uma das gramáticas mais antigas da língua portuguesa, adotadas no Brasil, a de Eduardo Carlos Pereira, denominada *Gramática Expositiva*: curso superior, cuja primeira edição é datada de 1907, portanto, no início do século passado, define lexicologia como parte de gramática que encara as palavras isoladamente em seus dois ele-

mentos fundamentais: em sua parte material que são os sons ou as letras, conforme se trata da palavra falada ou escrita, e em sua ideia ou significação” (PEREIRA, 1957, p. 21). O gramático divide, assim, o estudo da lexicologia em duas partes: fonologia e morfologia. Na referida gramática, há seção dedicada à sintaxe irregular ou figurada de regência, onde são estudados os idiotismos léxicos e os idiotismos fraseológicos (p. 258 e 259). Estas últimas, segundo Eduardo Carlos Pereira, “refratárias à análise” sintática.

Ainda, na *Gramática Expositiva*: curso superior, de Eduardo Carlos Pereira, à Etimologia reserva-se ao estudo da parte da morfologia que “estuda a origem e a formação do léxico, isto é, do vocabulário da língua” (PEREIRA, 1957, p. 21). Como então o gramático Eduardo Carlos Pereira classificaria, do ponto de vista formal, a palavra pé de moleque, este, verbete, segundo Houaiss (2001), datado, originalmente, por Cândido Figueiredo, 1899¹?

Para respondermos a esta questão, teríamos que, primeiro, ver como Eduardo Carlos Pereira definia composição no âmbito da formação do léxico: composição era definida, pelo filólogo, como o processo pela qual se formam palavras novas com a união de dois ou mais elementos” (PEREIRA, 1957, p. 192). Pé de moleque, na época grafada pé-de-moleque, com hífen, era vista, formalmente, como tendo um elemento dito *determinado* (pé), isto é, elemento principal que contém a ideia genérica e um elemento dito *determinante* (de-moleque), ou seja, um elemento que contém um elemento acessório, a ideia específica. O tipo de composição da palavra hifenizada pé-de-moleque seria, pois, o da justaposição, entendida como a “união de duas palavras para expressar um só objeto ou ideia, conservando ambos os elementos a sua integridade gráfica, e prosódica”.

Na exposição de Eduardo Carlos Pereira, nessas condições de composição lexical, os elementos do composto se uniam por contato (por exemplo, a palavra “madressilva”, tipo de arbusto volúvel flores aromáticas amareladas e bagas ovoides vermelhas, muito cultivado como ornamental) ou por um hífen (por exemplo: “pé-de-vento”, que

¹ A palavra pé-de-moleque, com hífen, foi, originalmente, registrada, na primeira edição de 1899 do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, do filólogo português Cândido Figueiredo, ratificada nas diversas reedições: (a) 2ª edição, 1913; (b) 3ª edição, de 1922; (c) 4ª edição, de 1926 e (d) 5ª edição, de 1939.

significa vento forte , rajada de vento ou ventania) ou, ainda por agrupamento em forma de locução (Por exemplo: “Ricardo Coração de Leão”, este, personagem imortalizado de livros como O Talismã e em Ivanhoé, do romancista Sir Walter Scott.)

Havia, segundo a lição de Carlos Eduardo Pereira, três maneiras de se efetuar a justaposição das palavras na formação dos compostos: (a) *por coordenação ou concordância*, em que os elementos componentes são coordenados ou apostos, sendo o determinante ou um adjetivo ou um substantivo aposto, como era (e é ainda) o caso de *pontapé* (golpe com a ponta ou com o peito do pé; chute, formada pela composição de ponta (< latim tardia puncta, ae 'estocada, golpe') + pé cujas formas históricas eram, em 1720 pontapê; em 1789 pontapé); (b) *por subordinação ou dependência*, em que o elemento determinante está subordinado ao elemento determinado, em relação complementar (“pé-de-galinha”, conjunto de rugas formadas em torno dos olhos datada de 1899, por Cândido Figueredo) e (c) *por meio de locuções ou frases verbais*, exemplificada em locuções do tipo “o lava-pés”, esta, registrada na 6ª edição, datada de 1858 , do *Dicionário da Língua Portuguesa* , este, publicado, anteriormente, em 1789), por Antonio de Morais Silva.

A influência de concepções do processo de composição, em gramáticas posteriores a de Eduardo Carlos Pereira, pode ser sentida, ainda hoje, em gramáticos ortodoxos bem como os menos ortodoxos, isto é, mais modernos e influenciados pelo estruturalismo ou gerativismo como Celso Ferreira da Cunha, em sua *Gramática de Base*, (1982), que definem composição como um processo de formação de palavras em que uma nova palavra é formada pela união de dois ou mais radicais: “A palavra composta representa sempre uma ideia única e autônoma, não raro dissociada das noções expressas pelos seus componentes” (CUNHA, 1982, p. 72) ou, mais recentemente, Evanildo Bechara, em seu *Moderna Gramática Portuguesa* (1999), que nos parece também repetir os ensinamentos de Eduardo Carlos Pereira.

Os gramáticos do passado e do presente, ainda presos às prescrições normativas, revela-nos, hoje, em pleno século XXI, que uma palavra como *pé de moleque*, sem hífen, se enquadraria como um tipo de composição por justaposição em que, quanto à forma, os ele-

mentos da palavra estão justapostos, conservando cada qual a sua integridade gráfica. Quanto ao sentido, em pé de moleque, os elementos de um sintagma normal indicam que o elemento *determinado* (pé), contém a ideia geral, e o *determinante* (-de-moleque), encerra a noção particular. A presença do hífen na palavra “pé-de-moleque” é um diacrítico caracterizador do composto prototípico da justaposição, mas, claro, não é uma condição *sine qua non* para classificá-lo como tal, uma vez que a presença ou não do hífen resulta de convenção ortográfica e não uma condição prévia para sua estruturação lexicográfica.

Por fim, se tomamos, agora, depois Acordo Ortográfico, pé de moleque, sem hífen, como uma locução nominal, conforme nos parece ser o que expõe Houaiss (2009), os lexicógrafos continuam a seguir os preceitos da Gramática Normativa, definindo, por exemplo, a locução como sendo “conjunto de palavras que equivalem a um só vocábulo, por terem significado, conjunto próprio e função gramatical única” e oferecendo uma rica tipologia: (a) *adjetivas* (da cor do mar, de ouro etc.); (b) *adverbiais* (com cuidado, às pressas etc.); (c) *conjuntivas* (posto que, desde que etc.); (d) *interjetivas* (ora, bolas; valha-me Deus etc.); (e) *prepositivas* (em cima de, depois de etc.); (f) *substantivas* (estrada de ferro, casa de saúde etc.) e (g) *verbais* (conjugações perifrásticas).

A rigor não foram os gramáticos nem os lexicógrafos que deram um novo status gramatical a *pé de moleque*, e sim, foram os ortógrafos dos países lusófonos, conhecidos, agora, como “acordistas”, que com o estabelecimento dos diversos casos de emprego e não emprego de hífen, afetaram, de forma coercitiva, proscritiva e avassaladora, a estruturação dos dicionários gerais e a taxionomia gramatical (Nomenclatura Gramatical Brasileira), especialmente a estruturação e a formação de palavras no âmbito da Morfologia.

Os ortógrafos, em 2008 (na verdade, são os mesmos da década de 90 do século passado), estabeleceram, no 6º caso da Base XV (*Do hífen em compostos, locuções e encadeamentos vocabulares*) do Acordo Ortográfico, que “Nas locuções de qualquer tipo, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, não se emprega em geral o hífen, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso (como é o caso de água-de-colônia, arco-da-

velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa).

Foram também os “acordistas” que, para deixarem claro a migração de compostos para locuções, oferecem um exemplário de locuções sem o emprego do hífen, nas bases do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa: a) *Substantivas*: cão de guarda, fim de semana, sala de jantar; b) *Adjetivas*: cor de açafraão, cor de café com leite, cor de vinho; c) *Pronominais*: cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja; d) *Adverbiais*: à parte, à vontade, de mais, depois de amanhã, em cima, por isso; e) *Prepositivas*: abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, a quando de, debaixo de, enquanto a, por baixo de, por cima de, quanto a e f) *Conjuncionais*: a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, por conseguinte, visto que. Claro, pelas bases do Acordo Ortográfico, *pé de moleque*, grafado sem hífen, é uma locução substantiva, cuja formação é pela via da justaposição, sem o emprego do hífen, mas, a rigor, e, por essa razão, não faz mais sentido classificá-lo, no nosso juízo, na análise morfológica, como um composto nominal.

Em 2009, influenciados também pelas novas bases do Acordo Ortográfico, os lexicógrafos da Academia Brasileira de Letras (ABL), no item III da Nota Editorial da 5ª edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (2009), sob a égide da Comissão de Lexicografia da ABL, chefiada por Eduardo Portella, Evanildo Cavalcante Bechara e Alfredo Bosi, contando, ainda, como apoio ainda da Equipe de Lexicógrafos, em que figuram linguistas como Ângela Barros Montez e Cláudio Mello Sobrinho, ao tratar dos procedimentos quanto ao emprego do hífen, citam a palavra *pé de moleque*, conforme reproduzimos a seguir:

Não se emprega o hífen nos compostos por justaposição com termo de ligação, como *pé de moleque*, folha de flandres, tomara que caia, quarto e sala, exceto nos compostos que designam espécies botânicas e zoológicas, como ipê-do-cerrado, bem-te-vi, porco-da-índia etc. (subitem 2, grifo nosso)

Como insistiremos neste artigo, faz e fez bastante diferença quando o ortografo do Acordo Ortográfico e o lexicógrafo da Academia Brasileira de Letras classificam *pé de moleque* como locução nominal e não como composto nominal. Pela definição de locução e

exemplário de palavras, entre parênteses, apresentados por Houaiss (2009), pé de moleque se enquadraria como uma locução do tipo substantiva. No Dicionário da Real Academia Española (2009), locução é, também, definida como “combinação fixa de várias palavras que funciona como uma classe especial de palavras”. No caso de espanhol, uma palavra bem próxima da noção que temos de pé de moleque é “tocino de cielo”, segundo o *Diccionario da Real Academia Española* um “dulce compuesto de yema de huevo y almíbar cocidos juntos hasta que están bien cuajados”.

3. *Pé de moleque: brasileirismo e cultismo linguístico*

O Dicionário Houaiss (2009) traz as seguintes acepções para a locução nominal *pé de moleque*: (a) doce consistente feito de açúcar ou rapadura com amendoim torrado, iguaria presente na culinária regional do Brasil; (b) bolo feito de mandioca, fubá, coco e açúcar, presente na região nordeste do Brasil e (c) calçamento de rua com pedras irregulares de tamanhos diversos, tipo de pavimentação encontrada em Minas Gerais e no Centro do Oeste do Brasil.

Para nosso estudo, tomaremos, para análise, a primeira acepção de *pé de moleque*: “doce consistente feito de açúcar ou rapadura com amendoim torrado. Expressões como “doce consistente feito de açúcar” e “rapadura com amendoim torrado” nos sugerem ser o *pé de moleque* uma iguaria de fabricação caseira, tradicional e extremamente popular no Brasil. O doce pé de moleque é bastante relacionado às culturas caipira e açoriana, isto é, tem uma origem na culinária de origem caipira (brasileirismo) e açoriana (lusitanismo).

No âmbito da gramática tradicional e da linguística estrutural, o composto nominal ou a locução nominal *pé de moleque*, com e sem hífen, antes e depois do Acordo Ortográfico, é tipicamente português. Diríamos, a rigor, que *pé de moleque*, grafado, antes do Acordo Ortográfico e depois do Acordo Ortográfico, traz traços lexicológicos do plebeísmo, brasileirismo e populismo.

Com a datação em 1899, pé de moleque, até 2008, grafado pé-de-moleque, é, assim como também o são as palavras e expressões do tipo “avacalhar”, “de saco cheio”, “aporrinhar”, “bunda-

suja” típicos do dialeto das classes populares no regionalismo nordestino ou dos registros distensos da fala culta na escrita literária, e tidos, frequentemente, pela comunidade falante como, vulgares ou triviais.

A motivação para a criação lexical da palavra *pé de moleque*, com ou sem hífen, também uma forma linguística própria do dialeto social da população com pouca instrução e que não faz parte do uso culto formal. Não se trata de uma palavra estigmatizada por um preconceito linguístico, mas ao se ler ou ouvir a palavra *pé de moleque* sabemos que estamos uma palavra de motivação popular.

Nos dicionários de Portugal, sob o ponto de vista lexical e semântico, traz muito, em sua macro e microestrutura, o dialetismo regional privativo do português do Brasil. Tudo isso nos levar a posular que em se tratando de lematização das entradas dos dicionários, compostos como pé de moleque e pé de negro são, tipicamente, portugueses, portanto, de natureza vernacular, passando, em geral, a ser, por essa razão, subentradas, como o que ocorre com os compostos nominais, antes hifenizados e com entrada própria, passando a ser, logo após a vigência do Acordo Ortográfico (2008), locuções nominais não hifenizadas. Diferentemente dos compostos ou locuções nominais de natureza popular, os compostos eruditos, por força do cultismo ou purismo linguístico, preservam sua autonomia de cabeça no processo de lematização.

A título de curiosidade, diríamos que *pé de moleque*, enquanto subentrada, nos atuais dicionários gerais, do lexema *pé*, exerce o papel de determinado, contendo a ideia geral do composto e se caracteriza, em se tratando de contexto linguístico, como um elemento que precede o determinante. E o que justificaria pé ser entrada e não subentrada? Cremos que o fato de ser uma palavra de origem latina.

Tomemos, por exemplo, o sentido de pé como “extremidade do membro inferior abaixo da articulação do tornozelo e terminada pelos artelhos, assentada por completo no chão, e que permite a postura vertical e o andar, tem, pois, origem no latim “*pes, pedis*”, datada do século XIII; portanto, é uma palavra caracterizada por um cultismo linguístico ou eruditismo. No caso do determinante “de moleque”, observamos, ao contrário, que a palavra moleque, datada de

1716 por Houaiss, vem do quimbundo muleke 'garoto, filho pequeno', banta, falada em Angola pelos ambundos, bantos que habitam as províncias do Bengo e Luanda, o Cuanza Norte, Malanje, o Cuanza Sul e parte do Bié, em Angola. O africanismo, entendido como qualquer fato de linguagem privativo do português de alguma das ex-colônias portuguesas na África, em contraste com o de Portugal ou do Brasil, tende a ser um pouco estigmatizado pelo olhar dos lusófonos europeus. O que estamos afirmando é que além dos critérios lexicográficos na seleção de termos para a macro e microestrutura, tende a ficar na microestrutura os termos oriundos da linguagem informal ou popular.

Para melhor compreensão do composto *pé de moleque* e de outros compostos formados a partir do lexema *pé* como “*pé de burro*”, “*pé de cabra*”, “*pé de cachorro*”, recorremos à *hipótese Sapir-Whorf*. Por esta hipótese, postularíamos que, para o caso de *pé de moleque*, a língua portuguesa traz uma infraestrutura (*pé+de+moleque*) que determinam a natureza das culturas brasileira (caipira) e lusitana (açoriana), isto é, os elementos da palavra *pé de moleque*, de motivação icônica (a forma do doce evoca a perna de um garoto da raça negra), induzem a forma das representações do sujeito falante e até mesmo as determinam profundamente.

Antes e depois do Acordo Ortográfico (2008), as palavras, formadas a partir de *pé*, por via erudita ou se formam pelo modelo da composição latina, preservaram sua autonomia de entrada própria no processo de lematização dos dicionários. Podemos supor que uma das explicações para esse fenômeno lexicográfico estaria pela ideia de que tudo aquilo que a língua portuguesa traz por herança latina, por meio do acusativo, na lexicologia, ainda com feição conservadora, sugere a linguagem escoreita, correta, sem estrangeirismos na pronúncia ou na lexicalização. É, em substância, a força do cultismo linguístico, em que o componente linguístico lexical ou morfológico é introduzido ou mantido nos dicionários, seguindo o rigor da inspiração purista na seleção das entradas dos dicionários gerais das línguas modernas ou neolatinas, como é o caso do português, espanhol ou italiano.

Veremos, a seguir, a preservação de entrada própria no processo de lematização lexicográfica, de palavras de origem erudita,

relacionadas com a palavra pé resultam, no processo de formação lexical, do elemento de composição ped(i)-, antepositivo, do lat. *pés, pèdis* 'pé (em sentido próprio e figurado)', de fecunda cognação, como podemos atestar no exemplário de palavras no Houaiss (2001), a partir do elemento antepositivo (ou mais raramente pospositivo) de composição de origem erudita (latina ou grega):

- (1) *apecil(o)*- (de a- 'privação, não' + o grego poikílos, é, on 'variado, variegado', ocorre em uns poucos cultismos do sXIX em diante): apecilar, apécilo, apecilotérmico;
- (2) *despach*- (do francês antigo. *despeechier* (> mod. *dépêcher*), do sXIII, que ou remonta a um latim vulgar "disimpedicare, ou é criação vernacular, antonímica de *empeechier*, pelo provençal *despachar*; em português, *despachar* documenta-se no sXV e seus derivados datam do Renascimento para cá): *despachadão, despachado, despachador, despachante, despachável, despacho*;
- (3) *empach*- (do francês antigo *empeechier* (> mod. *empêcher*), derivado do latim tardio. *impedico, as, ávi, átum, áre* 'enlaçar, travar, prender' -, ocorre em vocábulos atestados desde o sXIV): *desempachado, desempachamento, desempachar, desempachável, desempacho*; *empachação, empachado, empachamento, empachar, empache, empacho, empachoso*;
- (4) *imped*- (do verbo latino *impedio, is, ívi, ítum, íre* (de *in + pés, pedis*) 'impedir de andar, travar; embarçar, estorvar'; ocorre em voc. já originalmente latinos, como *impediência* e *impedimento* já em outros, introduzidos no vern. a partir do sXIV): *desimpedido, desimpedimento, desimpedir, desimpeditivo; impedância, impedição, impedido, impedidor, impediante, impedimento, impedir, impeditivo, impedor*;
- (5) *impe*d- (pelo latim vulgar, ocorre em vocábulos atestados desde as origens do idioma): *desempeçado, desempeçar, desempecedor, desempecente, desempecer, desempecido, desempecilhado, desempecilhar, desempecilho, desempecimento, desempecível, desempeço*; *empeçado 'embaraçado', empeçar 'pôr obstáculo a', empecer, empecilhado, empecilhador, empecilhar, empecilheiro, empecilho, empecimento, empecível, empecivo, empeço 'empecilho'*;

- (6) *Pede* (pospositivo, do latim *pes, pèdis* 'pé', em cultismos adjetivos (muitos, substantivos.) do universo literário e, em especial, das ciências naturais, a partir do sXVII (bípede): acrípede, alípede, alternípede, ambulípede, anelípede, anguípede, anomalípede, atrípede, barbípede, bípede, brevípede, caprípede, celerípede, centípede, cianípede, cirrípede, cornípede, crassípede, curvípede, equinípede, equípede, falcípede, fissípede, flabelípede, flavípede, flexípede, fossípede, fulvípede, fusípede, gracilípede, ingnípede, lamelípede, latípede, levípede, longípede, maxilípede, milípede, molípede, múltípede, nigrípede, nudípede, palmípede, pilípede, pinípede, podicípede, quadricípede, remípede, retípede, rubrípede, serrípede, solípede, sonípede, tarsípede, tenuípede, unípede, vagípede, velocípede;
- (7) *peciol(i)-* (do grego *poikílos*,é,on 'variado, variegado'; ocorre em cultismos, em geral das biociências, preferentemente da área da zoologia, do sXIX em diante): pecilandria, pecilante, pé-cile/pécilo, pecília, pecílico, peciliídeo, pecilócero, pecilocítaro, pecilócito, pecilocitose, pecilocloro, pecilocromático, pecilocrômico, pecilocromo, peciloderma/pecilodermo, peciloderme, pecilodermia, pecilógalo, peciloginia, pecilogonia, pecilômetro, pecilopirita, pecilópode, peciloscito, pecilotermia, pecilotérmi-co, pecilotermo;
- (8) *pedat(i)-* (do latim *pedátus*,a,um 'que tem pés'; ocorre em eruditismos da nomenclatura botânica, do sXIX em diante): pedatífido, pedatífido, pedatilobado, pedatílobo, pedatinérveo, pedatipartido, pedatissecto, pedato;
- (9) *pedestr-* (do latim *pedester*,tris,tre ou *pedestris*,e 'que vai a pé, pedestre, que está em pé; de infantaria; que é feito em terra; prosaico'; ocorre no voc. pedestre (em curso na língua desde o sXVI) e em cultismos do sXIX em diante): pedestriácea, pedestrianismo, pedestrianista e pedestriano;
- (10) *Pedi(o)-* (do grego *pedíon*,ou 'planície, plano, planta do pé'; ocorre em vocábulos formados no próprio grego, como *pediônomo* (*pedionómos*), e em cultismos do sXIX em diante): pedi-algia, pediálgico, pedionalgia, pedionálgico, pedionite, pedionómídeo, pediopatia, pediornito;

- (11) *pedicel(i)*- (do latim *pedicellus* 'pezinho'; ocorre em cultismos, em geral da nomenclatura botânica e zoológica, do sXIX em diante): apedichelado; pedicel, pedicela, pedicelado, pedicelária, pedicelário, pediceláster, pedicelasterídeo, pediceliforme, pedicelina, pedicelínea, pedicelinídeo, pedicelinópsis, pedicelo, pedicélula, pedicélulo;
- (12) *pedicul*- (do latim *pediculus*,i 'pezinho', ocorrente em cultismos das biociências, do sXIX em diante, p. exemplo): pedicular 'relativo a pedículo', pediculização, pediculizado, pediculizar, pedículo, pedículo-laminar;
- (13) *Pedil(o)*- (do grego *pédilon*,ou 'calçado, sapato'; ocorre em cultismos da terminologia botânica e zoológica, do sXIX em diante): pedilanto, pedilóforo, pedilônia;
- (14) *peduncul*- (do latim *pedunculus*,i 'pedúnculo, haste de uma folha', dim. de pés, *pèdis* 'pé' , que 1); ocorre em cultismos da terminologia botânica, do sXIX em diante): pedunculado, peduncular, pedunculiano, pedúnculo, pedunculoso.

4. *Pé de moleque: cognição e lexicologia*

A questão da composição é um das categorias centrais da linguística cognitiva. Alias, quando o lexicógrafo transforma, por exemplo, no processo de lematização, o composto nominal pé-de-moleque, com hífen e com entrada própria, em locução nominal pé de moleque, portanto, fazendo a conversão de composto justaposto para uma unidade fraseológica do tipo locução, procede assim com base no princípio da composicionalidade ou na análise composicional do léxico, com base em aportes da Semântica e da Linguística Cognitiva.

Quando dizemos que pé de moleque é um tipo regional de doce ou bolo ou, ainda um tipo de calçamento, distanciando seu significado do sentido literal que os seus componentes sugerem (pé/moleque), este significado baseia-se no princípio da não composicionalidade, caracterizado, como bem define Frank Neveu (2008), “por uma opacidade semântica que varia principalmente em função do grau de cristalização das expressões e pelas restrições sintáticas”

(p. 74). Como se trata de um composto, diríamos que essas restrições a que Neveu faz referência são, na verdade, princípios da ordem ou sequencialidade do sintagma nominal.

A linguista Nicole Delbecque, em seu *Linguística Cognitiva: compreender como funciona a linguagem*(2008), afirma que, na estrutura interna dos compostos nominais, por exemplo, há uma estreita dependência do significado de base das diferentes classes de palavras que se combinam. Uma palavra como pé de moleque, nesse caso, denotaria algo de caráter estável, por oposição, por exemplo, numa frase como fazer finca-pé, que nos sugere “manter-se firme em resolução, em opinião; fincar-se, obstinar-se, teimar”, que evocaria coisa menos estável.

Com base ainda nas postulações cognitivistas de Nicole Delbecque, diríamos que no grupo dos compostos nominais, entre os quais podemos encontrar como palavras como pé de moleque ou pé de negro, ambos, iguarias, toda uma espécie de relações semânticas entre os dois componentes, indicando o princípio de iconicidade observado no estabelecimento de “certa semelhança entre a forma do enunciado e aquilo que ele representa” (DELBECQUE, 2008, p. 26).

Esse princípio de iconicidade se manifesta ainda, do ponto de vista cognitivo, através de três outros princípios de estruturação da linguagem: (a) princípio da ordem linear, onde observamos, no caso de pé de moleque, com ou sem hífen, a disposição linear dos componentes no interior do vocábulo (pé + de + moleque); (b) princípio da distância, em que pé de moleque, com ou sem hífen, pode ser flexionado pés de moleque, a partir do que entendemos como sendo um elo conceitual. Nesse caso, se o plural fosse pé de moleques ou pés de moleques, estaríamos, a rigor falando de perna de garotos negros ou pernas de garotos negros e não do doce e, por último, (c) princípio de quantidade, em que, para o caso de pé de moleque, com ou sem hífen, tem três acepções: doce, bolo e calçamento isto é, uma grande quantidade de forma é associada a uma grande qualidade de significado. No levantamento feito na entrada de pé, em Houaiss (2009), encontramos 23 acepções (por exemplo, em domínios relacionados com anatomia botânica, construção, geometria, artes gráficas, metrologia, versificação, decoração, anatomia zoológica), mas quando diante da lista de locuções ou unidades fraseológicas o nú-

mero de ocorrência salta para, pelo menos, 118 expressões fixas. Vejamos os quadros comparativos de entradas e subentradas antes e depois do Acordo Ortográfico:

71 COMPOSTOS	
Pé-de-alferes	Pé-de-negro
Pé-de-altar	Pé-de-ouro
Pé-de-amigo	Pé-de-ouro
Pé-de-anjo	Pé-de-ouvido
Pé-de-atleta	Pé-de-papagaio
Pé-de-banco	Pé-de-parede
Pé-de-bezerro	Pé-de-pato
Pé-de-bode	Pé-de-pau
Pé-de-boi	Pé-de-pavão
Pé-de-briga	Pé-de-peia
Pé-de-burrinho	Pé-de-perdiz
Pé-de-burro	Pé-de-poeira
Pé-de-cachorro	Pé-de-pomba
Pé-de-cana	Pé-de-pombo
Pé-de-carneiro	Pé-de-rabo
Pé-de-carneiro	Pé-de-rola
Pé-de-cavalo	Pé-de-serrense
Pé-de-chinelo	Pé-de-valsa
Pé-de-chumbo	Pé-de-vento
pé-de-elefante	Pé-direito
Pé-de-escada	Pé-duro
Pé-de-galinha	Pê-efe
Pé-de-galinha-verdadeiro	Pê-efe
Pé-de-galo	Pê-eme
Pé-de-gancho	Pé-encarnado
Pé-de-garrafa	Pé-fresco
Pé-de-gato	Pé-frio
pé-de-lebre	Pé-lavado
Pé-de-lobo	Pé-leve
pé-de-lugar	Pé-na-cova
Pé-de-macaco	Pé-no-chão
Pé-de-meia	Pé-quebrado
Pé-de-mesa	Pé- quente
Pé-de-moleque	Pé-rachado
Pé-de-mosca	Pé-rapado
Pés-de-cabra	

Quadro i -

Compostos com pé, hifenizados, antes do acordo ortográfico (Houaiss, 2001)

19 entradas	pé-atrás
	pé-cascudo
	pé-d'água
	pé-de-bezerro
	pé-de-boi
	pé-de-cabra

pé-de-chumbo
pé-de-galinha
pé-de-galo
pé-de-gato
pé-de-meia
pé-de-pau
pé-direito
pé-encarnado
pé-frio

Quadro ii -

Compostos com pé, hifenizados, depois do acordo ortográfico (Houaiss, 2009)

a pé	pé cavo
a pé de	pé chato
a pé de galo	pé de alferes
a pé firme ou quedo	pé de altar
abrir no pé	pé de amigo
ao pé da letra	pé de anjo
ao pé de	pé de árvore
ao pé do ouvido	pé de arvoredo
apertar o pé	pé de atleta
bater (o) pé	pé de banco
botar o pé na fôrma	pé de bode
botar o pé no mundo	pé de boi
cair de pé	pé de briga
com o pé atrás	pé de burro
com o pé direito	pé de cabra
com o pé esquerdo	pé de cachorro
com o pé no estribo	pé de cana
com pés de lâ	pé de carneiro
com pés de ladrão	pé de chinelo
com um pé nas costas	pé de chumbo
dar no pé	pé de escada
dar pé	pé de galinha
de pé	pé de gancho
de pé atrás	pé de garrafa
de pé quebrado	pé de mato
de quatro pés	pé de mesa
dez pés em quadrão	pé de pato
do pé para a mão	pé de pau
em pé	pé de pavão
em pé de guerra	pé de peia
em pé de igualdade	pé de poeira
em pés de lâ	pé de rabo

encher o pé	pé de valsa
encostado ao pé da embaúba	pé de vento
estar com o pé na cova	pé equino
fazer pé atrás	pé na cova
fazer pé de alferes a	pé na tábuca
ficar no pé de (alguém)	pé no chão
ir aos pés	pé torto
ir e vir num pé só	pé valgo
ir num pé e vir no outro	pé varo
ir num pé e voltar no outro	pegar no pé
ir num pé só	pegar pelo pé
jurar de pés juntos	perder (o) pé
lamber os pés de	pés de lebre
largar do pé de	pés e pelos
meter o pé (em)	pés no chão
meter o pé no atoleiro	pisar no pé
meter o pé no lodo	sofrer que só pé de cego
meter o pé no mundo	ter os pés fincados na terra
meter os pés em	ter os pés na terra
meter os pés pelas mãos	ter os pés no chão
não arredar pé	ter pé
não chegar aos pés de	ter um pé na cova
negar a pés juntos	tirar o pé da lama
passar o pé adiante da mão	tirar o pé do lodo
pé ambulacrário	tomar pé
pé ante pé	tomar pé em ou de
pé calcâneo	um pé lá, outro cá

Quadro iii -

Compostos com pé, sem hífen, depois do acordo ortográfico(Houaiss, 2009)

5. *Pé de moleque: de composto à locução nominal*

Para uma discussão linguística sobre pé de moleque, postuláramos, com base em Émile Benveniste, em *Problemas de linguística geral* (2006), que, por meio da sinapsia, houve, por força das novas bases do Acordo Ortográfico, a transformação ou gramaticalização do composto pé-de-moleque, nominal, justaposto e hifenizado, em locução nominal, grafado sem hífen. Para Émile Benveniste, palavras compostas como pé de moleque, pé de negro, pé de cachorro, pé de cabra, entre tantas, presentes na língua portuguesa, caracterizam-se por sua polilexicalidade não unida no plano formal, o que nos leva a supor que a supressão do hífen em palavras acima referidas, não in-

terferiu na sua idiomaticidade, cristalização e na sua não composicionalidade semântica.

Como vimos, anteriormente, a palavra *pé de moleque*, com ou sem hífen, respectivamente, antes ou depois do Acordo Ortográfico (2008), é classificada pelos gramáticos como um composto nominal, formado por dois radicais, por meio da justaposição. O normativismo vê, na composição de pé de moleque, uma “união, em uma só palavra com significado independente, de palavras distintas que conservam, cada uma, sua integridade fonética”. Para os ortógrafos do Acordo Ortográfico (2008), lexicógrafos da Academia Brasileira de Letras e os dicionaristas do Instituto Houaiss de Lexicografia, ao contrário dos gramáticos, pé de moleque, depois de obedecidas as bases do Acordo na formação das palavras, é, com a perda do hífen, uma unidade fraseológica do tipo locução nominal.

Não é, todavia, uma questão fácil de ser solucionada ou esclarecida. Até aqui temos feito um esforço para dirimir esta dicotomia: composto X locução, sem que isso, claro, afete as acepções tradicionalmente à atribuídas à palavra *pé de moleque*. Certo é que *pé de moleque* é, na longa tradição das gramáticas perspectivas, uma palavra classificada como composto nominal. Hoje, classificá-la como locução nominal não traz implicações semânticas, mas traz discrepância ou divergência na estruturação dos dicionários gerais, especialmente em se tratando de suas macro e microestrutura, portanto, traz repercussões lexicográficas.

Explico melhor: Como composto nominal, antes do Acordo Ortográfico, *pé-de-moleque*, com o diacrítico hífen, usado para unir os elementos de palavras compostas, tinha entrada própria no Dicionário de Houaiss (2001). Dizer que tinha entrada própria significa que pé de moleque abria um verbete nos dicionários gerais, verdadeiramente, uma unidade léxica ou cabeça. Isso acontecia com outras dezenas de palavras, conforme demonstraremos em quadro mais adiante. Portanto, pé-de-moleque se enquadrava, no dicionário de Houaiss, como entrada pertencente a uma estrutura ordenada de todas as entradas (*nominata*). Pé-de-moleque, enfim, fazia parte de um item na relação de entradas de Houaiss.

Depois do Acordo Ortográfico, *pé de moleque*, sem hífen, passa a ser subentrata da cabeça pé, conforme podemos atestar em Houaiss (2009). Em quem, então, se respaldar para a mudança classificação de pé de moleque e de outras com a mesma forma de composição lexical? Tentaremos, ao longo deste artigo, responder a esta questão, daí, vez por outra voltarmos a essa problemática lexicográfica. Pé de moleque passou a fazer parte da microestrutura do dicionário, entendida aqui como item pertencente a estrutura interna da unidade básica de referência (o verbete pé).

O processo de lematização de pé-de-moleque, com hífen, pertencente à macroestrutura de Houaiss à forma pé de moleque, sem hífen, pertencente à microestrutura do referido dicionário, apaga uma série de informações, conforme observar nos quadros comparativos a seguir:

ENTRADA	
Pé-de-moleque (HOUAISS, 2001, p. 2163)	
Microestrutura	<ol style="list-style-type: none"> 1. Datação: <ol style="list-style-type: none"> 1.1. Ano: 1899 1.2. Fonte: CF 2. Acepções: <ol style="list-style-type: none"> 2.1. Morfologia: substantivo masculino <ol style="list-style-type: none"> 2.1.1. Rubrica: culinária. <ol style="list-style-type: none"> 2.1.1.1. Regionalismo: <ol style="list-style-type: none"> 2.1.1.1.1. Brasil: doce consistente feito de açúcar ou rapadura com amendoim torrado. <ol style="list-style-type: none"> 2.1.1.1.1.1. Nordeste do Brasil: bolo feito de mandioca, fubá, coco e açúcar 2.1.1.1.2. Angola: amendoim torrado, descascado e triturado posto em calda de açúcar temperada com erva-doce até o ponto de cortar; feito em torrões (colocados em cartuchos cônicos) ou placas triangulares ou retangulares 2.1.2. Regionalismo: <ol style="list-style-type: none"> 2.2.1. Minas Gerais, Centro-Oeste do Brasil. calçamento de rua com pedras irregulares de tamanhos diversos 3. Gramática <ol style="list-style-type: none"> 3.1. Plural: pés-de-moleque

Quadro iv – O lexema pé-de-moleque, com hífen, antes do acordo ortográfico (HOUAISS, 2001)

ENTRADA	
PE: substantivo masculino: 1Rubrica: anatomia humana.extremidade do membro inferior abaixo da articulação do tornozelo e terminada pelos artelhos, assentada por completo no chão, e que permite a postura vertical e o andar Datação: século XIII. Etimologia: lat. pes,pèdis 'pé'	
SUBENTRADA	
Pé de moleque (HOUAISS: 2009, p. 1453)	
Microestrutura	<ol style="list-style-type: none"> 1. Datação: Ø <ol style="list-style-type: none"> 1.1. Ano: Ø 1.2. Fonte: Ø 2. Acepções: <ol style="list-style-type: none"> 2.1. Morfologia: Ø <ol style="list-style-type: none"> 2.1.1. Rubrica: culinária. <ol style="list-style-type: none"> 2.1.1.1. Regionalismo: <ol style="list-style-type: none"> 2.1.1.1.1. Brasil: doce consistente feito de açúcar ou rapadura com amendoim torrado. <ol style="list-style-type: none"> 2.1.1.1.1.1. Nordeste do Brasil: bolo feito de mandioca, fubá, coco e açúcar 2.1.1.1.2. Angola: amendoim torrado, descascado e triturado posto em calda de açúcar temperada com erva-doce até o ponto de cortar; feito em torrões (colocados em cartuchos cônicos) ou placas triangulares ou retangulares 2.2. Regionalismo: <ol style="list-style-type: none"> 2.1.2. Minas Gerais, Centro-Oeste do Brasil. calçamento de rua com pedras irregulares de tamanhos diversos 3. Gramática: Ø <ol style="list-style-type: none"> 3.1. Plural: Ø

Quadro v –
o lexema pé de moleque, sem hífen, depois do acordo ortográfico (Houaiss, 2009)

6. Pé de moleque: posicionamento de linguistas

A título de visão crítica tomada por nós durante a elaboração deste artigo, vamos ilustrar nosso trabalho com posicionamentos de um linguista europeu, de um filólogo brasileiro e de dois fraseólogos da Espanha sobre o que pensam a respeito do impacto do Acordo Ortográfico na estruturação dos dicionários. Pé-de-moleque, antes do Acordo Ortográfico, com status de entrada na macroestrutura do Dicionário de Houaiss, na edição de 2001. Agora, depois do Acordo Ortográfico, *pé de moleque*, sem hífen, como subentrada na edição de 2009.

6.1. Linguista Carlos Rocha (Portugal):

A palavra que se escrevia pé-de-moleque passa a escrever-se sem hífen, pé de moleque, segundo a Base XVI do Acordo Ortográfico de 1990, como aliás se pode verificar pela respectiva entrada, não hifenizada, da 5.^a edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP) da Academia Brasileira de Letras. A perda do hífen não significa que pé de moleque deixe de ser um composto, porque o fato de lhe ser atribuída entrada no VOLP significa que a forma é reconhecida como unidade vocabular autônoma.

6.2. Filólogo José Pereira da Silva (Brasil):

Interessante sua observação, relativamente à questão de lexicografia e lexicologia. Trata-se de uma questão ainda não decidida pelos linguistas, que têm opiniões divergentes ou imprecisas sobre a delimitação precisa do que seria palavra composta ou locução. No caso da ortografia (com ou sem hífen), só se fala das palavras compostas, porque as locuções, naturalmente, não são hifenizadas. As palavras compostas que são ligadas por conectivo (preposição ou conjunção) dispensam o hífen, naturalmente, porque esse conectivo já é suficiente ligação entre os dois termos e não precisam de um "traço de união", com as devidas exceções, como é o caso dos termos relativos à fauna e à flora (à botânica e à zoologia). O assunto carece de uma reflexão mais amadurecida para que os linguistas e filólogos (lexicólogos e lexicógrafos) consigam chegar a uma definição segura que delimite a distinção entre palavra composta e locução.

6.3. Fraseólogo Mario Garcia-Page Sacher (Espanha):

Si pé de moleque es un 'dulce', yo lo interpreto como compuesto nominal (así lo mantengo en mi libro de fraseología); en español hay casos parecidos: tocino de cielo y brazo de gitano, que también son dulces. Cuando un grupo nominal como éstos designa un objeto físico, yo lo analizo como compuesto (también otros autores, y gran parte de la tradición); pero hay autores que los describen como locuciones nominales, como es el caso de la Real Academia en su Nueva gramática de la lengua española (2009).

6.4. Fraseóloga Carmen Mellado Blanco (Espanha)

En cuanto a la cuestión que planteas sobre si unidades del tipo "tocinillo de cielo" o "brazo de gitano", si son compuestos sintagmáticos o fraseologismos nominales, la mayoría de los autores opina que son com-

puestos sintagmáticos puesto que tienen un referente denotativo, es decir, se trata de una nomenclatura compuesta, pero no son fraseologismos porque tienen una referencia extralingüística denotativa. Lo mismo sucede con términos como "caballito de mar", "hombre rana", etc., no hay otra manera de denominar los objetos de la realidad externa si no es mediante estos términos. En cambio, cuando yo digo: "de todo corazón" es un fraseologismo adverbial que constituye una alternativa expresiva al adverbio monolexemático "sinceramente". Los compuestos sintagmáticos no son, para que nos entendamos, alternativa de nada, sino que sirven para denominar. No sé si te ha quedado claro. Tengo escrito un artículo sobre esto pero en alemán, o sea que no te va a servir de mucho, pero la mayoría de los fraseólogos es de esta opinión.

7. Considerações finais

Podemos afirmar que o Acordo Ortográfico, promulgado, em 2008, pelo governo brasileiro, trouxe importantes repercussões na elaboração dos dicionários gerais. Como composto nominal, observamos que as principais características de pé de moleque eram: (a) Realização gráfica através de ligação com um separador (um espaço ou um hífen); (b) Contém dois ou mais morfemas léxicos (unidade significativa); (c) Variação (aleatória) em um mesmo estágio da língua (sincronia); (d) Formação resultante da polilexicalidade (sinapsia); (e) Cristalização; (f) Neutralização das propriedades combinatórias das unidades constituintes e (g) Não composicionalidade do sentido.

Registramos, depois do Acordo Ortográfico (2008), as seguintes características para pé de moleque, sem hífen, com locução nominal: (a) Unidade polilexical do tipo sintagmático; (b) Constituintes não objeto de uma atualização separada; (c) Anuncia um conceito autônomo; (d) Bloqueio das propriedades combinatórias e transformacionais e (e) Não composicionalidade de sentido.

A partir do conceito de composição em Benveniste (2006), verificamos que, pelo processo de *sinapsia*, a palavra *pé de moleque* e outras congêneres, antes e depois do Acordo Ortográfico, passaram a apresentar os seguintes traços sinápticos: (a) Depois do Acordo Ortográfico, no caso de *pé de moleque*, verificamos a persistência do traço sintagmático verificado na ligação entre os componentes (pé+de-moleque); (b) A permanência, depois da reforma ortográfica,

do emprego de juntores para esse efeito, sobretudo as preposições *DE* e *A* ; (c) A permanência, por princípio de natureza cognitiva, da ordem determinado + determinante dos membros (pé/ de+moleque, onde pé é determinado e de+moleque, o determinante); (d) Pé, por força do processo de sinapsia, caracteriza-se por sua forma lexical plena, e a livre escolha de qualquer substantivo ou adjetivo (pé de cabra, *em pé de guerra, ir num pé e voltar no outro etc.*); (e) Como subentrata, pé de moleque não traz artigo antes do determinante (pé de moleque); (f) Possibilidade de expansão de um ou outro membro (pés de moleque ou os pés de moleque) e (g) Caráter único e constante do significado: doce, bolo ou calçamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 2006.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, volume II. Campo Grande: UFMS, 2004, p. 185-200.

_____. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de.; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, volume I. Campo Grande: UFMS, 1998, p. 129-142.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *DECRETO Nº 6.585, DE 29 DE SETEMBRO DE 2008*: Dispõe sobre a execução do Segundo Protocolo Modificativo ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em São Tomé, em 25 de julho de 2004. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6585.htm

_____. *DECRETO Nº 6.586, DE 29 DE SETEMBRO DE 2008.* Dispõe sobre a implementação do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6586.htm

_____. *DECRETO Nº 6.584, DE 29 DE SETEMBRO DE 2008.* Promulga o Protocolo Modificativo ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Praia, em 17 de julho de 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/_decretos2008.htm

_____. *DECRETO Nº 6.583, DE 29 DE SETEMBRO DE 2008.* Promulga o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6583.htm

CÂMARA JR., J. Matoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CASTILLO-CARBALLO, M^a Auxiliadora. El concepto de unidad fraseológica. In: *Revista de Lexicografía*, Volumen IV, 1997-1998, p. 67-79. Disponível em: http://ruc.udc.es/dspace/bitstream/2183/5415/1/RL_4-4.pdf

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática de base*. 3. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1982.

DELBECQUE, Nicole. *Linguística cognitiva: compreender como funciona a linguagem*. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

DICIONÁRIO escolar da língua portuguesa (com a nova ortografia da língua portuguesa). Academia Brasileira de Letras. 2. ed. São Paulo: CEN, 2008.

DUBOIS, Jean et ali. (Org.). *Dicionário de linguística*. Direção e coordenação geral de tradução de Izidoro Blikstein et ali. São Paulo: Cultrix, 1993.

FERNÁNDEZ, Dolores Azorín. La investigación sobre el uso del diccionario em el âmbito escolar. In: ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologi-*

a, volume III. Campo Grande: UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007, p. 169-191.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GONÇALVES, Maria Filomena. *As ideias ortográficas em Portugal: de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

HAENSCH, G et alii. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Elaboração do Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. [com a nova ortografia da língua portuguesa]

_____. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Elaboração do Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, volume III. Campo Grande: UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicografia: o léxico no dicionário. In SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 158-171.

MATEUS, Maria Helena Mira; XAVIER, Maria Francisca (Orgs.). *Dicionário de termos linguísticos*. Lisboa: Cosmos, 1992. [Versão eletrônica gentilmente cedida pela autora a Vicente Martins]

MIRANDA, Félix Bigueño. O que é macroestrutura no dicionário de língua? In: ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, volume III. Campo Grande: UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007, p. 261-272.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Tradição lexicográfica em língua portuguesa: Bluteau, Morais e Vieira. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de.; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.).

As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia, volume I. Campo Grande: UFMS, 1998, p. 151-157.

NEVEU, Franck. *Dicionário de ciências da linguagem*. Tradução de Albertina Cunha e José Antunes Nunes. Petrópolis: Vozes, 2008.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva: curso superior*. 102. ed. São Paulo: CEN, 1957.

PORTO DAPENA, José-Álvaro. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Gredos, 2002.

RANCHHOD, Elisabete Marques. *O lugar das expressões 'fixas' na gramática do português*. Disponível em:
<http://label.ist.utl.pt/publications/docs/LEFnGP.pdf>

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

SILVA, Maria Cristina Parreira da. Para uma tipologia geral de obras lexicográficas. In: ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia, volume III*. Campo Grande: UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007, p. 283-293.

STREHLER, René G. As marcas de uso nos dicionários. In OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia, volume I*. Campo Grande: UFMS, 1998, p. 169-178.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2006.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. Academia Brasileira de Letras. 5. ed. São Paulo: Global, 2009.